

algarve.
o segredo
mais famoso
da europa

faro

concelho

2013 . 3.ª Edição

faro

As praias e a Ria Formosa, onde esvoaçam flamingos, fazem a fronteira com o mar. Nos campos planos, a mancha do casarío de Faro, o verde das hortas cultivadas nos terrenos férteis, as armações das noras que extraíam a água fresca e salutar, herança dos mouros. Colinas suaves em anfiteatro, onde nascem árvores de fruto, enquadram em fundo a paisagem. Aldeias, onde a vida tem o ritmo tranquilo de séculos, mostram tesouros de arte, desvendam testemunhos da magnificência de nobres romanos. São estes os encantos de Faro e do seu concelho, ponto de partida para viagens de descoberta que entusiasмам.

HISTÓRIA DO CONCELHO DE FARO

A área lagunar da Ria Formosa atraiu a presença humana desde o Paleolítico até ao final da Pré-História. Nesse espaço, surge uma cidade: Ossonoba, centro urbano importante durante o período de ocupação romana que, de acordo com os estudiosos, foi a origem da atual cidade de Faro.

Sede de bispado a partir do séc. III e durante o período visigótico, Ossonoba mantém com o domínio árabe, iniciado no séc. VIII, a sua posição de mais importante localidade do extremo sudoeste da península.

Capital de um efémero principado independente no séc. IX, a cidade é fortificada com uma cintura de muralhas e o nome de Ossonoba começa a ser substituído pelo de Santa Maria, a que mais tarde se junta a designação de Hárune, que deu origem a Faro.

Depois de um período atribulado provocado pela instabilidade político-militar islâmica, Faro é integrada, em 1249, no território português, completando o ciclo de reconquista cristã do espaço geográfico que é hoje Portugal.

Nos séculos seguintes, Faro torna-se uma cidade próspera devido à sua posição geográfica, ao porto seguro e à exploração e comércio de sal e de produtos agrícolas do interior algarvio, incrementados com os Descobrimentos. Tem, nesse período, uma importante e ativa colónia judaica que no final do séc. XV imprime localmente o primeiro livro português.

Reconhecendo o crescimento da cidade, o rei D. Manuel promove, em 1499, uma profunda alteração urbanística com a criação de novos equipamentos - um hospital, a Igreja do Espírito Santo (mais tarde reconstruída e administrada pela Misericórdia), a alfândega, um açougue, etc. - fora das alcaçarias e junto ao litoral.

Em 1540, Faro é elevada a cidade e, em 1577, a sede do bispado do Algarve é transferida de Silves. O saque e o incêndio, em 1596, pelas tropas inglesas do conde de Essex, danificaram muralhas e igrejas, empobreceram a cidade.

Os séculos XVII e XVIII são um período de expansão para Faro, cercada por uma nova cintura de muralhas, durante o período da Guerra da Restauração (1640/1668), que abrangia a área edificada e terrenos de cultura, num vasto semicírculo frente à ria.

Até finais do séc. XIX, a cidade mantém-se dentro desses limites. O seu crescimento gradual sofre um maior ímpeto nas últimas décadas.

VISITAR FARO

As muralhas que envolviam a cidade árabe e medieval. Os vestígios do passado das igrejas e de museus. O verde refrescante de um jardim frente à Ria e ao mar. O perfil de casas solarengas, testemunho de antigas opulências. As ruas estreitas de casas caiadas que recordam a herança mourisca. Passos de uma incursão por Faro, cidade onde há muito para ver, para apreciar e para recordar.



CENTRO HISTÓRICO

Constituído por três núcleos: Vila Adentro, Mouraria e Bairro Ribeirinho. Abrange a evolução da cidade desde a reconquista cristã até à estrutura urbana consolidada nos sécs. XVII e XVIII.

VILA ADENTRO

Para conhecer bem Vila Adentro e todos os seus encantos, importa percorrer as ruas encostadas às muralhas, com casas de paredes caiadas, arcos ligando os prédios, as residências fidalgas da Família Cortes, dos Sárreas e do capitão Manuel de Oliveira e de José Maria Assis.

ARCO DA VILA

Sobre uma das portas medievais das muralhas foi construído, sob o risco do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri, este portal monumental, inaugurado em 1812. Nicho com imagem de São Tomás de Aquino, de origem italiana. No interior, um portal em ferradura das muralhas mouras, único no Algarve.



ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO Ó

Esta pequena ermida, também conhecida por Nossa Senhora D'Entre Ambalás Águas, é de origem medieval e foi mandada construir pelos mareantes. Encontra-se situada no provável local onde, durante o domínio islâmico, esteve colocada a imagem da Virgem referida numa das cantigas de Santa Maria do rei de Castela, Afonso X, o Sábio (1221-1284). Foi reconstruída após o terramoto de 1755 e atualmente é uma das dependências do Governo Civil.

PAÇOS DO CONCELHO

Edifício do séc. XIX, construído no local dos antigos Paços. Fachada alterada na década de 40/50 do século XX.

SÉ CATEDRAL

Edifício de origem medieval que corresponde à antiga igreja matriz de Santa Maria, mandada construir em 1251 pelo arcebispo de Braga, D. João Viegas. Da construção primitiva apenas ficaram o primeiro piso da torre que domina a fachada principal e as duas capelas do cruzeiro. Em 1577 foi elevada a sede de bispado e em 1596 o saque e o incêndio, provocados pela invasão das tropas inglesas do conde de Essex, tornaram necessárias grandes obras, continuadas mais tarde devido aos abalos de terra de 1722 e 1755. O interior das três naves, com colunas de ordem toscana, apresenta um dos mais belos e valiosos conjuntos dos sécs. XVII e XVIII no Algarve.



Na capela-mor existe um retábulo, com as imagens de Nossa Senhora da Assunção, de São Pedro e de São Paulo, e um cadeiral, ambos datados do séc. XVII. As duas telas italianas, da autoria de Guerini, e os azulejos com padrão azul, amarelo e branco também fazem parte da ornamentação desta capela. A capela lateral do Santíssimo Sacramento possui um retábulo muito interessante do último quartel do séc. XVII, no qual se salienta o monumental trono piramidal. A capela lateral de Santo Lenho apresenta o único retábulo-relicário do Algarve. Nas paredes laterais encontra-se embutido o túmulo do encomendador – o bispo D. António Pereira da Silva. Entre as capelas laterais, merecem destaque as dedicadas a Nossa Senhora da Conceição e a São Domingos, revestidas de azulejos e com estrutura gótica. A capela de Nossa Senhora dos Prazeres, pequena joia de arte barroca, com um baldaquino octogonal que lhe confere uma tipologia ímpar e uma grande diversidade de técnicas e materiais na sua composição: talha, estuque, espelhos, mármore com embutidos, pintura e azulejos. A capela de Nossa Senhora do Rosário, associada à confraria que desde o séc. XVI agrupava os nativos africanos, tem um retábulo barroco, executado por Francisco Ataíde em 1724, dois curiosos lampadários em que figuram negros e painéis de azulejos dos finais do séc. XVII. Finalmente, o aparatoso órgão barroco, situado junto ao coro alto, apresenta pintura com motivos “chinoiserie”.

GALERIAS MUNICIPAIS TREM E ARCO

Recuperação de antigo edifício militar para exposições de arte contemporânea portuguesa.

PAÇO EPISCOPAL

Foi construído após a invasão das tropas inglesas do conde de Essex, provavelmente durante o bispado de D. Fernando Martins Mascarenhas.

É um dos melhores exemplares de arquitetura chã do Algarve. Sofreu algumas remodelações após o terramoto de 1755. O portal e o perfil dos telhados de “tesoura” contrastam com a rigidez geométrica da fachada. No átrio, escadaria e três salas de aparato, um importante revestimento de azulejos rococós do terceiro quartel do séc. XVIII.

É ainda de referir as estantes do período Barroco da biblioteca, ornamentadas com motivos “chinoiserie”, e o núcleo de pintura.

SEMINÁRIO EPISCOPAL

Paralelo às muralhas, é uma vasta construção dos finais do séc. XVIII, inícios do séc. XIX, com ligação ao Paço através de um passadiço. Da primeira fase de construção são as janelas com cantarias decoradas, enquanto o restante corpo é posterior, com traço do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri, responsável por vários edifícios em Faro. Num pátio interior, uma janela manuelina (séc. XVI).

NÚCLEO MUSEOLÓGICO DO BRINQUEDO (GALERIA MUNICIPAL ARCO)

Os brinquedos apresentados faziam parte da coleção de Manuel Batista, comprada pelo município em 2002. O acervo é composto por 600 brinquedos da primeira metade do séc. XX, com origem em diversos países - desde Portugal, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Itália, Checoslováquia, EUA e Japão - com bastante variedade, como bonecas, carrinhos, comboios, aviões, trens de cozinha, entre outros. Permite fazer uma viagem aos brinquedos de outros tempos. Magnífica vista sobre a Ria Formosa.

MURALHAS E CASTELO

Os muros de defesa de Faro foram construídos pelo príncipe muçulmano Ben Bekr no séc. IX. As duas torres albarrãs, que defendem a entrada do Arco do Repouso, têm origem no reforço das defesas da cidade realizado nos sécs. XII/XIII.

O ataque à cidade, em 1596, pelas tropas do conde de Essex, danificou bastante as muralhas que, após a reconstrução, foram adaptadas à utilização de canhões e integradas nas novas defesas da cidade.

O castelo, elemento importante de defesa, foi alterado quando da adaptação a bocas de fogo (séc. XVII), tendo-lhe sido anexado um revelim. A instalação, no início do séc. XX, de uma unidade industrial provocou grandes modificações, embora seja reconhecível a sua imponência. Foi igualmente aberto um longo rasgo nas muralhas com a abertura da Rua do Castelo.

MUSEU ARQUEOLÓGICO INFANTE DOM HENRIQUE/ CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Erguido no local da antiga judiaria por iniciativa de duas piedosas irmãs nascidas em Beja, as obras da igreja e do convento, que foram terminadas pela rainha D. Catarina (1507-1578), decorreram de 1528 até à década de 60 do séc. XVI. É um exemplo importante da arte do primeiro Renascimento no Algarve. A porta da igreja tem pilastras com decoração figurativa. Harmonioso claustro de dois pisos e quatro grupos de arcadas, com decoração animalista nas gárgulas. A cúpula da igreja tem uma decoração rococó (séc. XVIII). Curiosa torre-mirante (séc. XVI). O museu integra um importante acervo arqueológico - com destaque para o período romano, altura do qual provieram o mosaico do Oceano, lápides com inscrições referindo Ossonoba, achadas em Faro, e bustos de imperadores descobertos nas ruínas de Milreu -, para além de uma valiosa coleção de arte sacra.



ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO REPOUSO

Foi construída no séc. XVIII, no interior de um dos arcos árabes das muralhas, com o patrocínio da Rainha D. Mariana, de forma a acolher a imagem de Nossa Senhora do Repouso. Tem no seu interior um retábulo de madeira.

MOURARIA

Depois de percorrer o jardim Manuel Bivar - local da Praça da Rainha, criada no final do séc. XV -, refrescante sala de visitas da cidade com um elegante coreto dos finais do séc. XIX, importa conhecer a antiga mouraria, que contém um conjunto de edifícios que traçam a história de Faro.

Como, por exemplo, as muitas casas de fachadas enobrecidas por cantarias lavradas, janelas de sacada, fortes cunhais e com os característicos telhados de “tesoura”, solução arquitetónica que se manteve dos sécs. XVI ao XVIII, os prédios de arquitetura recordativa das primeiras décadas do séc. XX do Palácio Belmarço, obra de um comerciante abastado, e do Banco de Portugal, ao gosto neomanuelino com um portal de sabor islâmico. O passeio deve terminar no Café Aliança, o mais antigo e de maiores tradições culturais da cidade de Faro, paredes meias com o jardim que foi o ponto de partida.

IGREJA DA MISERICÓRDIA

Sobre a antiga ermida manuelina e o hospital do Espírito Santo foi construída, por iniciativa do bispo D. Afonso Castelo Branco, a igreja com o hospital anexo nos finais do séc. XVI. Única igreja no Algarve com planta de cruz grega, crê-se que o seu projeto se deve a um arquiteto de Lisboa.

O terramoto de 1755 provocou grandes estragos, que levaram o bispo D. Francisco Gomes a remodelar a fachada e a construir um novo hospital (1795-1815), segundo projeto do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri, a quem se deve igualmente o risco do Arco da Vila, situado do outro lado da praça. Altar-mor com interessante retábulo maneirista dos princípios do séc. XVII. O arco triunfal profusamente decorado com talha rococó faz a ligação aos dois retábulos colaterais, também do período rococó. Valioso núcleo de imagens do séc. XVIII.

O edifício com arcadas do hospital - que recordam igual solução adaptada por Fabri no Palácio Real da Ajuda, em Lisboa - estabelece uma ligação harmoniosa com o corpo da igreja.

MUSEU REGIONAL DO ALGARVE

Fundado em 1963 por Carlos Porfírio. Valiosa coleção de objetos e fotografias da etnografia algarvia, no âmbito de um Centro de Interpretação do Território. Instalado no edifício da Assembleia Distrital.

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ

Edifício do séc. XVII, com alterações posteriores. Fachada com profusa decoração no remate e na janela frontal, em estilo rococó (terceiro quartel do séc. XVIII). Capela-mor e arco triunfal decorados com talha barroca.

É de realçar o belíssimo acervo escultórico e pictórico que se encontra no seu interior de época barroca. Do terceiro quartel do séc. XVIII data o passo das traseiras do edifício, com uma representação do Senhor dos Aflitos em azulejo recortado.

Cúpula com remates elaborados do gosto rococó.

CERCA SEISCENTISTA

Parte dos muros de defesa, construídos no séc. XVII, que envolviam toda a cidade. Já parcialmente destruída no início do séc. XIX, foi aproveitada para defesa de Faro pelas tropas liberais contra um ataque miguelista (lutas entre os defensores de uma Constituição e os que pretendiam o regresso ao absolutismo). O espaço urbano que definia corresponde ao núcleo histórico da cidade de Faro.

CELEIRO DE SÃO FRANCISCO

Edifício de planta octogonal (séc. XVIII), mandado construir como “casa de fresco”, integrado num jardim.

As representações em argamassa de Hércules e do gigante Adamastor, que decoram dois lados da fachada, são exemplos curiosos da arte e dos gostos da época.

Sobre a porta, o brasão do nobre que ordenou a sua construção.

BAIRRO RIBEIRINHO

O conhecimento do Bairro Ribeirinho deve incluir um trajeto pelas suas ruas estreitas onde, aqui e além, se destacam fachadas com cantarias ou as quatro águas dos telhados de “tesoura”.

Merecem referência especial o Palácio dos Bívar, o melhor edifício neoclássico do Algarve (início do séc. XIX), com um decorativo portal principal e uma longa fiada de janelas de sacada; o Solar do Capitão-Mor, do séc. XVIII, valioso exemplar da arquitetura barroca em Faro; a Casa dos Lamprier, de janelas com moldura de bom recorte; onde habitou, no séc. XVIII, uma família inglesa e a Casa dos Azulejos, de 1926, com um frontão de grandes dimensões decorado com relevos de argamassa, ao gosto algarvio.

IGREJA DE SÃO PEDRO

Capela-mor com retábulo de talha do final do séc. XVII, pertencente ao proto-barroco. O retábulo da capela do Santíssimo Sacramento, com profusa decoração e uma das mais expressivas obras do barroco pleno, integra um baixo-relevo representando a Última Ceia. A capela de Nossa Senhora da Vitória, mandada construir pela confraria do Compromisso Marítimo, é um belo exemplar do período rococó, tendo sido executada pelo entalhador farense António Ferreira de Araújo. A capela das Almas merece referência pelo importante núcleo de azulejos barrocos, contendo também um retábulo rococó que substituiu o anterior, danificado pelo terramoto de 1755. Uma imagem em pedra de Nossa Senhora da Esperança (séc. XV), proveniente de uma antiga ermida, e uma Santa Ana de excelente modelação, atribuída ao escultor Machado de Castro (séc. XVIII), integram o valioso património desta igreja que inclui ainda telas e imagens provenientes de conventos laicizados no séc. XIX.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

Edifício de grandes dimensões, marca, com a sua fachada imponente e as duas torres sineiras, o perfil da cidade de Faro. Foi fundada pelo bispo D. António Pereira da Silva. A sua construção decorreu entre 1713 e 1719, segundo o projeto de um carmelita de Lisboa. Nos meados do séc. XVIII, o corpo da igreja aumentou e a sua fachada foi destruída, sendo Diogo Tavares o responsável pelo projeto da nova fachada. No interior, é de realçar as várias capelas revestidas de profusa talha dourada do período barroco e, em especial, a capela-mor – uma obra do entalhador Manuel Martins. É nesta igreja que surgem as primeiras manifestações do período rococó no Algarve – capela de São José. Núcleo importante de estatuária religiosa barroca, com destaque para as nove imagens da procissão do Triunfo, obra do entalhador algarvio Manuel Martins. Sacristia com teto de caixotões decorados com painéis pintados. No pequeno pátio anexo, uma pitoresca, mas lúgubre, Capela dos Ossos (1816).



IGREJA DO CONVENTO DOS CAPUCHOS

Construção do início do séc. XVII, tem uma fachada característica da arquitetura capucha com frontão, arcadas e um nicho com imagem. Conjunto de altar-mor e altares colaterais em talha dourada do período barroco, de grande beleza. Importante núcleo de azulejos historiados do séc. XVIII na capela-mor (passos da vida de Santo António) e nas paredes laterais (Morte de Santo António e Descida da Cruz). Pequeno e harmonioso claustro.

CASA DO COMPROMISSO MARÍTIMO

Instituição de solidariedade dos marinheiros e pescadores que fizeram a prosperidade de Faro durante séculos, é um edifício do início do séc. XVIII construído no local da primitiva casa medieval. Na fachada principal, um nicho com a imagem de São Pedro Gonçalves Telmo. Os arcos da fachada lateral abrigavam o antigo açougue dos mareantes. No andar nobre, a sala de despacho, com teto de caixotões com pinturas a óleo.

ALFÂNDEGA

Construção do séc. XVI, foi profundamente modificada no séc. XIX.

ERMIDA DA MADALENA

Edifício tardo-medieval, foi profundamente remodelado no séc. XIX para servir de capela particular da casa de um mercador local.

A CIDADE NOVA

A expansão da cidade no final do séc. XIX e no séc. XX fez-se para a área fora das muralhas, antigamente ocupada pelas quintas e explorações agrícolas que envolviam Faro. Nela fixou-se a burguesia enriquecida, com as suas residências luxuosas. O Palácio Fialho, vasta construção do início do séc. XX em estilo clássico francês, é, sem dúvida, o melhor exemplo dessa afirmação social dos industriais e comerciantes. A que se juntam o Palacete Guerreirinho que, embora construído em 1936, tem uma fachada ornamentada ao gosto neoclássico, a Vivenda Marília (1930), deliciosa mistura de estilos a que não falta uma evocação mourisca, e a Casa Mateus de Silveira, dos finais do séc. XIX, que integrava uma quinta urbana.

ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO

Edifício de origem medieval, situado outrora nos arrabaldes da cidade. Foi remodelado nos sécs. XVII, XVIII e XX. É de realçar o retábulo de características barrocas da capela-mor, a capela lateral manuelina com abóbada estrelada e o revestimento a azulejo do séc. XVII.

IGREJA DE SANTO AMARO

Foi fundada no séc. XV/XVI por João Amado, cavaleiro e criado do bispo D. João Camelo Madureira. No séc. XVII foi inserida no interior da cerca seiscentista, cujos vestígios estão junto da ermida. No séc. XVIII, foi reconstruída pela confraria de Nossa Senhora do Carmo, aqui instalada provisoriamente. Apresenta diversos ornamentos rococós, como a cúpula e a torre sineira. Em anexo funcionou uma gafaria (hospital dos leprosos).

ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO DO ALTO

Construída provavelmente na segunda metade do séc. XV, junto a uma torre de atalaia medieval. No séc. XVI foi submetida a algumas remodelações e a parte inferior da torre foi utilizada como capela-mor, onde se encontra a abóbada estrelada do período manuelino. No séc. XVIII, sofreu obras profundas: a capela-mor foi fechada, construiu-se uma galilé e uma sacristia, houve um aumento da nave e, conseqüentemente, uma nova fachada. É de realçar o núcleo de imaginária barroca e o retábulo da capela-mor, obra do mesmo período artístico da autoria de Manuel Martins e executada por Tomé da Costa e Francisco Xavier Guedelha. A torre medieval proporciona aos visitantes uma vista sobre a cidade.

ERMIDA DE SÃO LUÍS

Localizada nos antigos arrabaldes da cidade, é uma construção do séc. XVII com profunda remodelação no início do séc. XIX. Retábulo de talha neoclássica no altar-mor. Interessante cúpula.

ERMIDA DE SÃO MIGUEL

Capela particular (séc. XVIII) de uma casa senhorial, com fachada de grande singeleza. Retábulo de talha em estilo "rocaille" e imagens de Nossa Senhora da Saúde, do Arcanjo São Miguel e do Anjo da Guarda.

CEMITÉRIO DOS JUDEUS

Edificado em 1820, serviu de local de enterramento da colónia judaica até 1932. Mais de uma centena de pedras tumulares com inscrição em hebraico evocam a presença secular da comunidade judaica em Faro.

TEATRO LETHES

Antigo Colégio da Igreja de Jesus (sécs. XVI/XVIII). Fachada com a habitual sobriedade das edificações jesuíticas. Transformado em teatro em 1845, é um interessante exemplo de uma casa de espetáculos de província dos sécs. XIX/XX.



TEATRO DAS FIGURAS

Considerado uma das obras emblemáticas de «Faro, Capital Nacional da Cultura», o teatro municipal de Faro, agora denominado Teatro das Figuras, foi edificado em 2005. O projeto tem a assinatura do arquiteto Gonçalo Byrne e surge integrado na Rede Nacional de Teatros. Ao todo, 800 lugares compõem a lotação da estrutura, já apreciada como uma das obras-primas arquitetónicas contemporâneas.

HORTA DO OURIVES

Anexa ao solar, dos finais do séc. XVII, de característicos telhados de "tesoura" e janelas de sacada com gradeamentos em ferro forjado, foi construída uma capela (séc. XVIII) com planta octogonal, um dos mais interessantes testemunhos da arquitetura barroca no Algarve.

Em frente, a curiosa Casa das Figuras, antigo armazém da quinta em que se integrava o celeiro decorado com exuberantes trabalhos de argamassa na platibanda: dragões alados com faces humanas, golfinhos e, no topo, o torso de um negro.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO

A construção da primitiva igreja iniciou-se no final do séc. XVII. Considerada pequena para a afluência de fiéis, sofreu ampliação desde meados do séc. XVIII até às primeiras décadas do séc. XIX, quando foi concluída a fachada.

Os azulejos historiados que revestem as paredes da capela-mor e a talha da cornija são do período barroco. Mais tardios são os azulejos que revestem a abóbada, reconstruída após o terramoto de 1755, que tem no centro um valioso painel policromo representando a Coroação da Virgem. Magnífico trabalho de talha no altar-mor e, sobretudo, na cúpula oitavada do cruzeiro, em estilo "rocaille" (terceiro quartel do séc. XVIII). Painéis de azulejos dos sécs. XVII e XVIII nas restantes áreas da igreja. Interessante núcleo de imagens de roca (destinadas a serem vestidas) utilizadas nas procissões das Cinzas e das Dores. Conjunto de pinturas italianas (final do séc. XVIII) representando a vida do orago. Claustro de linhas harmoniosas.

O seu interior deslumbra qualquer fiel ou visitante pelos magníficos trabalhos de talha, azulejos e de pintura do séc. XVIII. É aquilo a que se pode chamar de obra total. Anexo à igreja, o edifício do antigo convento, adaptado a Escola de Hotelaria e Turismo.

MUSEU DA MARINHA (MARÍTIMO)

Pequena, mas interessante, coleção etnográfica sobre as atividades marítimas e de pesca no Algarve.

Modelos das principais embarcações utilizadas.

conhecer o concelho de faro

ESTOI

Povoação antiga, mantém nas suas ruas e casas muito do carácter algarvio; nas fachadas caiadas, nas chaminés recortadas, na presença de pequenos quintais com árvores e flores.

IGREJA MATRIZ ³³

Erguida no local de antiga ermida medieva. Construção do séc. XVI, com reedificação nos sécs. XVIII/XIX, sob orientação do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri. Fachada neoclássica terminando em frontão. Interessante torre sineira. Interior de três naves. Retábulos dos altares do séc. XIX. Imagens dos sécs. XVII/XVIII, com destaque para as de São Vicente e de São Diogo. Púlpito em mármore regional. Batistério com decoração "neo-rocaille", semelhante ao estilo utilizado no palácio de Estoi. O tesouro sacro inclui uma custódia em prata dourada e uma capa bordada (séc. XVII).

PALÁCIO DE ESTOI ³¹

O gosto romântico do primeiro proprietário, membro de uma das mais distintas famílias da nobreza algarvia, levou-o a construir, num local com excelente enquadramento paisagístico, um palacete rodeado de jardins. Em vez de utilizar, porém, os modelos medievais do revivalismo da época (primeira metade do séc. XIX), de que é exemplo o Palácio Real da Pena, em Sintra, recorreu ao formulário neobarroco e neo-rococó. Depois de algumas décadas de abandono, é adquirido por um farmacêutico enriquecido (mais tarde Visconde de Estoi) que prossegue os trabalhos e faz do palácio a sua habitação (início do séc. XX).

O palácio é um vasto edifício com parte das fachadas revestidas de azulejos com decoração floral e cenas diversas. No interior, merecem destaque, pela decoração, os tetos em estuque - o melhor conjunto do Algarve -, o mobiliário, a capela, o salão nobre, as salas de visitas e de jantar, os dois pavilhões de chá e a casa do presépio. No acesso ao palácio, um templete contendo uma cascata e o grupo das Três Graças sobre uma concha, cópia de uma obra do escultor italiano António Canova (1757-1822). Em nichos, estátuas de Vénus e Diana. Jardins ao gosto tardo-romântico, em vários planos, com escadarias, lagos e estatuária em mármore e cerâmica.

RUÍNAS ROMANAS DE MILREU ³²

Importante casa agrícola do séc. I que, no séc. III, foi transformada em vasta e luxuosa "villa". Em torno do peristilo desenvolviam-se as dependências de habitação, com o solo revestido de mosaicos com temática diversa. A "villa" dispunha de termas, sendo de destacar os mosaicos com decoração marinha (peixes, ouriços do mar, etc.). Um santuário construído no séc. IV foi, um século mais tarde, transformado em templo paleocristão. Na área das ruínas veio a instalar-se no séc. XVI uma casa com contrafortes cilíndricos.



SANTA BÁRBARA DE NEXE

A existência de um castro nas imediações, posteriormente utilizado por fenícios e romanos, demonstra a antiguidade do povoamento. A povoação é enquadrada por campos de cultivo e colinas cobertas de árvores de fruto.

IGREJA MATRIZ ³⁴

Templo de origem medieval, remodelado no séc. XV segundo os formulários manuelinos e proto-renascentistas, dos quais restam vestígios na capela-mor. Sofreu transformações no séc. XVIII. Interior de três naves com arcos ogivais. Altares com retábulos barrocos e rococós. Imagens dos sécs. XVII e XVIII e várias alfaias religiosas, entre as quais o relicário de Santa Bárbara (séc. XV). Na capela de Santo António, duas pinturas sobre madeira do séc. XVI. Um silhar de azulejos policromos reveste as paredes e o arco triunfal é encimado por um painel em que figura a coroação de Santa Bárbara por dois anjos (1702).

ERMIDA DE SANTA CATARINA

Situado no lugar de Gorjões, este pequeno templo é de origem tardo-medieval e tem sofrido muitas remodelações ao longo dos séculos. O interior tem nave única, um retábulo na capela-mor e algumas imagens do século XIX.

CONCEIÇÃO

Muito do encanto de uma típica povoação algarvia mantém-se nas casas térreas de portas e janelas debruadas a cores fortes e de platibandas com desenhos geométricos.

IGREJA MATRIZ ³⁰

Templo de provável origem medieval, reconstruído no séc. XVI. Na fachada tem um portal do terceiro quartel do séc. XVI. O interior, de nave única, apresenta alguns elementos de arte manuelina na capela-mor (abóbada estrelada e arco triunfal): um retábulo construído após o terramoto de 1755 e um pequeno conjunto de imagens.

CRUZEIRO

Imagem do Senhor Crucificado assente sobre uma coluna (séc. XVI).

AS PRAIAS

O longo cordão de dunas que separa o mar da Ria Formosa é, para quem gosta de areia, sol e mar, um autêntico paraíso. Com a vantagem de se poder bronzear o corpo em verdadeiras ilhas... E de se reencontrar a solidão em quilómetros e quilómetros de praia.

Ilha de Faro

Ligada por estrada, integra um núcleo com equipamento turístico.



Ilha da Barreta (Ilha Deserta)

Verdadeiramente tranquila e solitária, a ilha usufrui de ligações de barco nos meses de julho, agosto e setembro. Excelente, também, para quem disponha de uma embarcação, ou para quem a alugue e queira ter só para si horizontes de praia e de mar.



Ilha do Farol

Pequenos núcleos de habitações de pescadores. Tudo o resto é areia... Tem acesso por carreiras regulares de barco a partir de Faro (no verão) e Olhão (todo o ano).



Ilha da Culatra

Antigo povoado de pescadores que, há algumas dezenas de anos, era composto por casas com paredes de madeira e telhado de colmo. Pitorescas atividades piscatórias, que se estendem à Ria para a apanha de marisco. Amplo areal tranquilo, com ambiente familiar. Tem acesso por carreiras regulares de barco a partir de Olhão (todo o ano).



O BOM SABOR DA COZINHA

Os principais pratos de gastronomia algarvia estão presentes em Faro. Mas quem deseje apreciar as típicas receitas dos pescadores deve provar a sopa de peixe e o arroz de lingueirão.

Nos doces regionais a escolha é difícil, porque todos têm as saborosas amêndoas e os deliciosos figos algarvios como ingrediente comum. O melhor digestivo, no final da refeição, é um copo de aguardente de medronho ou de figo.



A ARTE DO POVO

Faro é o ponto ideal para encontrar, em pouco tempo, o universo colorido do artesanato algarvio a que artesãos locais juntam azulejos com temas tradicionais. Mais para o interior, em Santa Bárbara de Nexe ou Estoi, ainda as mulheres tecem a folha de palmeira para fazerem alcofas, chapéus e tapetes.



faro



Ficha Técnica

Edição e propriedade: Região de Turismo do Algarve

Cartografia: IGeoE

Tradução: Inpokulis

Impressão: Gráfica Comercial

Fotografia: Hélio Ramos (HR), Luís da Cruz (LC), Miguel Veterano (MV), Vasco Célio (VC)

www.visitalgarve.pt

